

| Ensaio

AS “CIRANDEIRAS” DE CAIANA DOS CRIoulos E A ARTE DE REINVENTAR A VIDA

Por Janailson Macêdo Luiz

Caiana dos Crioulos é uma comunidade localizada na zona rural do município de Alagoa Grande, Brejo da Paraíba. Constituída principalmente por pessoas negras, em junho de 2005 “Caiana” foi certificada, pela Fundação Cultural Palmares (FCP), como uma comunidade remanescente dos antigos quilombos¹ da época da escravidão.

Nos últimos anos, surgiram naquele local dois grupos de ciranda e coco de roda que vêm se destacando no cenário cultural paraibano². Estes grupos, formados principalmente por mulheres, estão ressignificando práticas locais, tais como as danças da ciranda e do coco de roda, no intuito da preservação de elementos culturais tradicionais de sua comunidade, que estariam “morrendo” ao dar lugar a manifestações pouco relacionadas à identidade tradicional de Caiana dos Crioulos.

Durante uma pesquisa com as componentes de um destes grupos, o “Grupo de Ciranda e Coco de Roda de Caiana dos Crioulos”, composto por pouco mais de vinte pessoas, observamos que algumas tradições e práticas culturais, como a própria arte de dançar a ciranda e o coco, estão sendo sutilmente reinventadas naquela comunidade. Além disso, o próprio dia-a-dia e as vidas destas personagens também estão passando por modificações tênues, que talvez não pudessem ser observadas por uma visão apressada, mas que estão servindo de base para suas constituições enquanto pessoas e para a tessitura do atual momento histórico que vive a sua comunidade.

É desse processo de múltiplas reinvenções que este ensaio se propõe a tratar. Antes, porém, devemos contextualizar o que são a ciranda e o coco de roda, bem como destacar um pouco da importância destas manifestações na história recente de Caiana dos Crioulos.

O que são a ciranda e o coco de roda?

¹ De acordo com a FCP, órgão vinculado ao Ministério da Cultura, através do Decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003, em seu artigo 2º, o conceito de remanescentes quilombolas faz referência aos: “grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra, relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida”.

² Os dois grupos de “cirandeiras” foram formados a partir da separação de um grupo um pouco mais antigo, o “Grupo de Ciranda e Coco de Roda Margarida Maria Alves”.

A ciranda e as diversas variações da dança do coco (entre elas o coco de roda) são manifestações culturais que no passado tiveram muito destaque no cotidiano brasileiro, sobretudo nos espaços rurais do que hoje constitui a região Nordeste. Hoje em dia, entretanto, estas manifestações vêm perdendo destaque e caindo em desuso em muitos locais, principalmente por causa das influências culturais urbanas e da falta de interesse das gerações mais jovens em prosseguir com as práticas realizadas pelos seus antepassados. Apesar desse quadro, ainda existem espaços onde é buscada a preservação da ciranda e dos cocos. São geralmente locais onde estas manifestações ainda fazem parte da rede simbólica que perpassa a identidade dos grupos, como no caso de Caiana dos Crioulos.

A ciranda e os “cocos”, que muitas vezes se confundem entre si, são muito mais do que danças e envolvem ritmo, ludicidade, poesia, representações dos sujeitos com relação ao mundo a sua volta e interação entre os dançantes e o coletivo. A ciranda é uma dança desenvolvida por mulheres, homens e crianças. Nesta forma de manifestação cultural os dançarinos formam uma grande roda e dão passos para fora e para dentro do círculo, ao som de uma música puxada pelo mestre-cirandeiro e respondida por todos os participantes. Um exemplo de ciranda é *A lavandeira*, cantada pelas “cirandeiras” de Caiana dos Crioulos:

A lavandeira que lavava minha roupa
Tá quase louca de me procurar
Ela lavava na palha da cana,
Da cana caiana do canaviá.
(CAIANA DOS CRIoulos, 2003).

Já o coco de roda é descrito como uma dança de roda ou de fileiras mistas onde há uma linha melódica cantada em solo pelo “tirador” ou “coquista”, com refrão respondido pelos dançadores (MENNA, 2008). Um exemplo de coco é *Rosa Roseira*, também cantado e dançado pelas “cirandeiras” de Caiana:

Ô rosa, roseira,
Ô rosa, resedá
Menina abra essa roda,
Que o coco vai começar
(CAIANA DOS CRIoulos, 2003).

Os estudiosos divergem com relação à origem dos cocos. Especula-se que o “coco” se originou de músicas de improviso entoadas durante a quebra dos “coco” pelos escravos. Alguns afirmam que os “cocos” são de origem negra e têm as raízes fincadas em

manifestações tradicionais praticadas no continente africano, enquanto que outros argumentam que os “cocos” têm origem na mistura de manifestações culturais trazidas pelos africanos com manifestações dos nativos locais. Além disso, existe ainda a versão mítica que atribuí a origem do “coco” ao quilombo dos Palmares. Seja qual for a hipótese correta, é sabido que os “cocos” tem fortes raízes na chamada cultura afro-brasileira e se proliferaram em regiões litorâneas e ligadas aos engenhos de cana-de-açúcar (locais onde se encontravam grande quantidades de escravos), como ocorre com a região de Caiana.

A ciranda e o coco no passado de Caiana dos Crioulos

No passado, segundo as integrantes do grupo de ciranda³, o momento de brincar⁴ ciranda e o coco de roda representava um dos poucos instantes de diversão dos moradores de Caiana dos Crioulos, numa época em que o “pessoal só se divertia, só de coco de roda”, segundo as palavras de Edite José da Silva, de 65 anos, coordenadora do grupo. Naquele contexto, os habitantes da comunidade de modo geral não tinham contato com meios de entretenimento como, por exemplo, a televisão e o rádio, tendo eles mesmos que criar formas de diversão, ou melhor, tendo eles mesmos que intensificar e manter formas de diversão de tempos ainda mais longínquos, como a brincadeira da ciranda e do coco de roda.

Estas manifestações costumavam ser praticadas conjuntamente a festejos e manifestações de tradição católica, como a festa dos santos (São João, Santo Antônio, etc) e as novenas. Nesse sentido, após as celebrações de cunho religioso, a mocidade e os mais velhos se uniam para brincar ciranda, coco de roda e outras brincadeiras, durando os festejos até o amanhecer, quando os participantes da roda recebiam o café do dono da casa, as vezes tomavam banho nos barreiros e, em seguida, dirigiam-se para os seus lares.

Outro ponto que intensificava a importância destas manifestações no passado recente da comunidade, era o fato dos jovens (principalmente as jovens) serem proibidas pelos pais de namorar; época que segundo Maria do Nascimento Oliveira (Luzia), de sessenta anos, “*o pai não deixava andar solto não*”. Assim, o momento de brincar ciranda e coco de roda, para aqueles que os pais deixavam brincar, era dos poucos espaços em que os jovens podiam interagir entre si de forma mais intensa.

³ Apesar de dançarem a ciranda e o coco de roda, o grupo é conhecido como grupo de cirandeiras ou “a ciranda” pelos moradores de Caiana dos Crioulos e pelas suas próprias integrantes.

⁴ A ciranda e os “cocos” não são vistos apenas como danças, mas também como brincadeiras. Por isso que é comum ouvir nas falas dos praticantes que estes gostam de “brincar” ciranda ou coco de roda.

A partir da década de 1990 a ciranda e o coco de roda de Caiana dos Crioulos começaram a ser apresentados fora da comunidade, criando-se um grupo com vestimentas próprias e que passou a receber pequenos cachês para se apresentar⁵. No entanto, esse reconhecimento externo de manifestações típicas da cultura de Caiana dos Crioulos veio à tona, paradoxalmente, no mesmo período em que estas mesmas manifestações começavam a perder cada vez mais espaço no dia-a-dia da comunidade, passando a ser cada vez menos um elo de união entre as pessoas mais jovens.

A fala de Maria Nazaré Pereira dos Santos mostra um pouco da diferença entre a ciranda do passado e a ciranda da atualidade de Caiana dos Crioulos:

É, mai, mais pra trás, a ciranda, que nem diz a história, quandi, na época quando eu era mai jovem, a ciranda era muita gente, muita gente dançava, todo mundo dançava, era rapai, as vez menina, moçinha, as mulé, tudo gostava de dançar; e hoje em dia a ciranda o povo dança, mai num dança que nem dançava antigamente. Essas moças de hoje, os jovens de hoje num é chegado que nem na minha época pra traz não! Lá em João Maria, que a gente ia po, po, pelo lá pelo São João, Ave Maria, agente dançava a noite todinha, quando manhecia o dia, quando o dia ia clareando nói ia pro barreiro tomar o banho, né? [...]. (SANTOS, 2009)⁶.

Como pode ser percebido neste relato, a maior “liberdade” que os jovens têm hoje para namorar e a preferência de boa parte destes jovens por ritmos musicais que são símbolos da atual juventude paraibana, a exemplo do forró e do axé, fazem com que a ciranda e o coco de roda passem a ser praticados muito mais pelos adultos, haja vista que estas manifestações não cumprem hoje os mesmos papéis simbólicos e práticos que cumpriam no passado. Soma-se a isso o fato de boa parte dos praticantes mais velhos não ter mais interesse pela participação em rodas de ciranda e coco de roda, o que “Dona” Edite nos relatou em um de seus depoimentos:

antigamente, dançava muié, dançava menino, dançava rapaz, todo mundo brincava, e já hoje, é mai somente as pessoa adulto, faquentado⁷, essas moças de hoje num quere saber mais de cultura, só faquentado, chega nos canto, moça e rapaz tudo só quere é tiver de namorado, pruíqui pruí pruculá, aí é onde eu acho que a cultura tá morrendo, e até proprimente muito as muié mesmo hoje num quere mais brincar que nem a gente brincava antigamente [...]. (SILVA, 2009).

Assim, as mulheres adultas é que continuam com o costume de brincar ciranda e coco, pois o passado ainda vivem em suas mentes e serve como referência para suas aspirações para o futuro, existindo em sua memórias permanências de épocas que não

⁵ Grupo este que, após dissolvido, deu lugar aos dois existentes atualmente.

⁶ Transcrição *ipsis litteris* do que foi relatado.

⁷ Faquentado – contração da expressão “faz que nem o ditado”.

existem mais, mas que deixaram marcas profundas nas suas existências e por isso, são rememoradas nas atuais “brincadeiras”.

Reinventando a arte, a cultura, as tradições e a vida

No “Grupo de Ciranda e Coko de Roda de Caiana dos Crioulos”, a função que seria a do mestre cirandeiro e a do coquista, tradicionalmente compostas por um homem, é hoje desempenhada por uma mulher, a já citada “Dona” Edite, que também é a coordenadora geral do grupo e uma pessoa muito respeitada na região. Esta readaptação ocorre porque o antigo mestre cirandeiro da comunidade faleceu há alguns anos e, nas palavras da própria “Dona” Edite, elas não poderiam deixar a ciranda da comunidade “morrer” também.

O grupo apresenta uma forte característica política e educacional, no sentido de que é utilizado pelas suas integrantes para se contrapor a gradativa desvalorização pela qual vem passando a dança da ciranda e do coco em Caiana; e para ressaltar a importância do “resgate” destas manifestações, para que elas possam ser apreciadas e vivenciadas pelas gerações mais jovens. Por isso, o grupo não é só composto pelas senhoras mais velhas, mas também por meninas e meninos, e por jovens da comunidade.

Mas outras dimensões também influenciam nos objetivos do grupo, visto que ele representa para suas participantes um espaço de mudança nos seus cotidianos. Esta mudança ocorre em dois momentos: durante as brincadeiras na própria comunidade (dias de festa, datas religiosas e dias de novena); durante os dias de viagem, seja para cidades próximas, seja para outros estados. Deste modo, o grupo já foi se apresentar até mesmo em Brasília – DF.

Nesse sentido, as apresentações constantes do grupo tornam-se, para suas componentes, momentos de evasão e de contato com locais até então desconhecidos. Assim, as apresentações fora da comunidade permitem que estas mulheres dêem uma pausa nos seus trabalhos: na roça, em casa e/ou em empregos fora de casa; e possibilitam que pessoas que tiveram pouco acesso a educação escolar e aos direitos básicos dos cidadãos, possam também viajar, se aventurar e conhecer a Paraíba e o Brasil, além de terem, pelo menos por alguns momentos, “vez e voz”.

Assim, estas mulheres, que guardam entre si fortes laços de amizade, comadrio e parentesco, reinventam os seus cotidianos e fortalecem suas identidades étnico-raciais, religiosas, de gênero, espaciais, entre outras, e seus laços de sociabilidade por meio de suas

participações no grupo. Ao viajar para se apresentar ou ao “brincar” ciranda e “coco” dentro da própria comunidade, elas evadem por algum tempo de boa parte das situações de dificuldade, físicas e emocionais, como doenças, decepções, desgostos, etc, e se religam a um passado que no dia-a-dia não pode (mais) ser sentido, mas que é recordado em suas práticas e memórias.

Assim, as “cirandeiras” de Caiana dos Crioulos passaram a ter destaque perante a sociedade em geral em uma nova fase da sua comunidade. Fase esta não só de ressignificação identitária, após o contato com o conceito de remanescentes quilombolas, mas de busca por direitos e reconhecimento. Estas mulheres se reapropriam da ciranda e do coco de roda (costumes tradicionais da sua comunidade) e os reinventam, reinventando também a si mesmas, aos seus cotidianos e ao lugar aonde habitam. Deste modo, a própria memória, o passado, os costumes e as práticas tradicionais de sua comunidade de origem passam a ser reapropriados e utilizados como elementos favoráveis, formas de conseguir destaque interna e externamente e, mais do que isso, de fortalecer certos laços de união frente aos problemas da vida.

Neste sentido, estas mulheres não estão simplesmente reproduzindo elementos culturais vindos “de fora”, ao introjetarem uma “identidade quilombola”, como algumas abordagens acadêmicas tendem a ressaltar, mas também se reinventando e mostrando uma nova face da sua comunidade, baseada nos costumes e práticas tradicionais do passado, mas com uma nova roupagem e novos sentidos. Ou seja, estas mulheres conseguiram, através de suas consciências culturais e de suas astúcias e artes de fazer, encontrar no atual contexto de valorização do multiculturalismo, da dita “cultura popular” e da chamada cultura afro-brasileira, uma brecha para modificar seus modos de viver.

Elas vêm lidando habilmente com a historicidade, não ficando nem presas ao passado, nem negligenciando os saberes dos míticos “tempos antigos”. Por meio de diversas astúcias, elas se apropriam do atual contexto como elemento propulsor, num jogo onde os elementos do referido contexto estão sendo utilizados para sanar problemas gerados por ele mesmo: se a ciranda está morrendo e perdendo força frente aos forrós eletrônicos propagados em toda a região, reinventar a ciranda passa a ser uma tática bastante pertinente; se reinventar a ciranda gera reconhecimento, cria um espaço onde o passado pode ser lembrado e comemorado e dá “vez e voz”, então esta reinvenção passa a ser ainda mais reforçada; se a nova categoria de remanescentes quilombolas trouxe benefícios para

sua comunidade, mas aumentou suas divisões internas, o que melhor do que utilizar os costumes tradicionais como, paradoxalmente, uma contraposição a esse processo?

No entanto, estas reapropriações não devem ser entendidas como atitudes meramente “aproveitadoras”, mas como verdadeiras reinvenções culturais, como respostas de pessoas que sabem do valor das suas culturas e não querem vê-las desaparecer, como tantas outras. Em resumo, respostas de mulheres que querem, elas mesmas, controlar o giro das suas danças, o ritmo da ciranda de suas vidas, os passos a seguir no caminho que vem adiante; passos dados sem esquecer os elementos do passado; passado que não deve, para elas, ser deixado para traz.

Referências e Fontes

CAIANA DOS CRIoulos. **Ciranda coco de roda e outros cantos**. Manaus: Indústria da Amazônia Ltda, 2003. 1 CD.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Epraim Ferreira Alves. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MENNA, V. De onde vem o coco? **Nominuto.com**, Pernambuco, 17 set. 2007. Disponível em: <<http://www.nominuto.com/vida/cultura/>>. Acesso: 28 fev. 2008.

OLIVEIRA, M. do N. **Maria do Nascimento Oliveira (Luzia)**: depoimento [jul. 2009]. Entrevistador: Janailson Macêdo Luiz. Campina Grande: UEPB, 2009. 1 CD.

SANTOS, M. N. P. dos. **Maria Nazaré Pereira dos Santos**: depoimento [jul. 2009]. Entrevistador: Janailson Macêdo Luiz. Campina Grande: UEPB, 2009. 1 CD.

SILVA, E. J. da. **Edite José da Silva**: 1º depoimento [jul. 2009]. Entrevistador: Janailson Macêdo Luiz. Campina Grande: UEPB, 2009. 1 CD.